LÁ LI GIBI E A PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

Área temática: educação

Autora: Judy Mauria Gueiros Rosas[1]

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

1. Introdução

A experiência de ver com olhos apurados o quão dramático é não saber ler e escrever num modelo de sociabilidade que, antes mesmo de se consolidar, produziu a bandeira de educação para todos, encontra outra forma extrema de estranhamento: saber ler e escrever e assumir não gostar ou não utilizar estas habilidades construídas.

Porém, que população é esta? Que outros aspectos podem ser identificados como comuns à generalidade dos sujeitos não leitores?

Para responder a tal questão é necessário compreender, inicialmente, que, no Brasil, há problemas quanto à taxa de cobertura da oferta à educação escolar, que, comprovadamente, aponta para o fato de ainda não termos universalizado o acesso da população à escola na 'idade certa', e, especialmente, a sua permanência.

Com o intuito de ilustrar tais afirmações informamos que, de acordo com o IBGE (2015), existem ainda no Brasil cerca quase 4 milhões de crianças entre 7 e 14 anos fora da escola. Importante indicador de que a plena universalização do acesso à escola não foi concluída.

Também o dramatismo desta situação pode ser identificado quando da abordagem do eleitorado brasileiro. De acordo, com pesquisa realizada pelo Tribunal Superior Eleitoral, divulgada em dezembro de 2015 (TSE, 2015), sobre o nível de escolarização do eleitorado brasileiro, juntando os eleitores analfabetos absolutos, os que não concluíram o ensino fundamental e os que afirmam apenas que sabem ler e escrever, estes representam o percentual de 54,6% do eleitorado brasileiro. Na Região Nordeste corresponde a 56,6%. Em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, somam 25,7%, e em Piranhas-AL 67,9%.

[1] Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Educação, PROEXT/MEC.

Acrescenta-se que a região Nordeste, sozinha, responde pela existência de 52% do total das pessoas analfabetas absolutas, com 15 anos e mais (IBGE, CENSO 2010).

No entanto, o analfabetismo e a subescolarização não podem ser explicados apenas como expressões de insuficiência de aprendizagens e de parco desenvolvimento das habilidades de ler e escrever. Além disso, é necessário considerar que estes não são aspectos meramente conceituais; são concretamente produzidos na esteira de relações de poder historicamente construídas, que têm na desigualdade o seu fundamento.

Portanto, ao lado e intrínsecos a estes fenômenos estão a pobreza, característica comum às pessoas que carregam algum tipo de analfabetismo (absoluto ou funcional) e o ainda não concluído ciclo escravista no Brasil, cujo maior obstáculo para o seu reconhecimento reside no falso argumento da existência de uma "democracia racial" no Brasil, termo cunhado por Gilberto Freyre, em 1933, na obra 'Casa grande e senzala'.

Senão vejamos. De acordo com o Mapa da Violência 2015 "Alagoas, Paraíba, Espírito Santo e Distrito Federal são as unidades com as maiores taxas de homicídio de negros por armas de fogo no país" (WAISELFISZ, 2015, p.80), sendo que em Alagoas e na Paraíba "há uma seletividade racial nos homicídios por armas de fogo (...) para cada branco vítima de arma de fogo, morrem mais de 10 negros" (p.81).

De acordo com o Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), o mito da democracia racial mais esconde que possibilita o reconhecimento do problema do racismo no Brasil, visto que 80% dos analfabetos brasileiros são negros, 64% das pessoas autodeclaradas afro-brasileiras não concluíram a educação básica e das 16, 2 milhões de pessoas que vivem em situação de extrema pobreza no Brasil, 70,8% são afro-brasileiras (UOL, 2016).

Um dado curioso é que apesar do sistemático afastamento da população negra ao gozo dos benefícios resultantes da produção material de riqueza e de suas correspondentes expressões sociais, culturais, políticas e educacionais, a palavra gibi, segundo dicionários da língua portuguesa, é uma gíria que significa "meninote preto; negrinho", e também se refere ao gênero textual que propusemos trabalhar (FERREIRA, 1986, p.849).

Faz-se, neste momento, oportuno informar que o interesse central à ação Lá Li Gibi foi justamente propiciar uma experiência de estímulo à leitura a partir das várias formas de

ISBN: 978-85-93416-00-2

histórias em quadrinhos. Esta decisão decorreu do entendimento sobre a necessidade de incluir, para a formação do leitor iniciante, recursos outros além do mero texto escrito, pois, desenhos e figuras também podem exprimir um texto e um contexto, assim como podem contribuir para a ampliação da compreensão do mundo que circunda o leitor.

Hila (2009) observa que compreender "significa ter a capacidade de confrontar e entender as informações do texto somadas às informações trazidas pelo leitor para a produção de uma nova informação" (p.23). E foi esta a nossa pretensão: expor as pessoas que ainda não desenvolveram o hábito da leitura a um gênero textual que pudesse facilitar a síntese necessária à leitura significativa.

Sobre o alcance das histórias em quadrinhos, Lovetro (1995) informa que "o encanto do desenho (...). O impacto visual é sempre a 'mola' que move a vontade de ler. (...) Os sons transformados em palavras são mágicos e dão a acústica da ação" (p.95).
Daí a nossa proposição em apresentar ao público alvo das ações as histórias em quadrinhos.

Por fim, e não menos importante, há a necessidade de discutir o papel da biblioteca e a situação deste tipo de equipamento de disseminação de informação e conhecimento no Brasil.

Na terceira edição da pesquisa intitulada Retratos da Leitura no Brasil, Pansa (2011) afirma que "não basta investir em bibliotecas se o leitor não for cativado" (p.9).

No entanto, existe uma quantidade reduzida de bibliotecas no Brasil, que se expressa na média de bibliotecas por habitantes. A média nacional, em 2014, segundo o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, órgão vinculado ao Ministério da Cultura, era de uma biblioteca para 33 mil habitantes. Em Alagoas havia uma biblioteca para 29.000 habitantes, e na Paraíba havia uma para 17.000 (SNBP, 2014).

Hoje, esta situação pouco mudou e merece destaque a baixa frequência de pessoas às bibliotecas que funcionam, em sua maioria, no horário comercial e não permanecem abertas nos fins de semana e feriados.

Diante de tal situação inferimos que uma biblioteca no Brasil, país em que o hábito da leitura ainda não foi democratizado e universalizado por motivos anteriormente elencados, só alcançará pleno funcionamento se for capaz de deflagrar um movimento que

ISBN: 978-85-93416-00-2

tenha início com o ir além do seu próprio espaço físico para buscar aproximação com pessoas não leitoras.

Por fim, devemos neste momento apresentar os objetivos que propusemos atingir. Objetivo Geral: desenvolver o hábito da leitura como instrumento de promoção de igualdade racial, através da ressignificação do papel da biblioteca. Objetivos específicos: I- compreender a igualdade racial enquanto fundamento para a construção de uma identidade negra positiva; II- ressignificar o papel da biblioteca que em múltiplos espaços instaura situações de leitura e escrita; III- fomentar o reconhecimento da leitura como atividade prazerosa e necessária, a partir do gênero textual histórias em quadrinhos.

2. Material e metodologia

Apesar de termos iniciado os nossos estudos, planejamento das ações e preparação de material desde o mês de fevereiro de 2015, foi a partir da primeira semana do mês de maio que passamos a realizar as ações quinzenais na comunidade praieira da Penha, localizada no subúrbio da cidade de João Pessoa. O movimento grevista dos docentes e servidores das universidades federais, dentre as quais a UFPB, iniciado em fins do mês de maio, nos levou a decidir por levar o projeto a outras pessoas e lugares.

Foi neste momento que tomamos conhecimento, através de uma das discentes participantes do projeto, que a Escola Municipal de Ensino Fundamental Virgínius da Gama e Melo, também localizada em João Pessoa, e que oferece exclusivamente turmas de ensino fundamental II, convivia com violência, questões relacionadas a uso de drogas entre alunos e baixo aproveitamento, no que se refere à aprendizagem dos discentes.

Decidimos procurar a gestão da escola e passamos a realizar a ação a partir do mês de julho, também com periodicidade quinzenal.

A constatação dos baixos indicadores de proficiência em leitura e escrita dos alunos matriculados nas escolas públicas municipais de Piranhas e o fato de a Biblioteca Popular Riacho do Navio estar localizada neste município, nos levaram a estreitar relações com a Secretaria Municipal de Educação, que indicou duas escolas para que realizássemos as ações, já previstas no projeto Lá Li Gibi, aprovado no edital PROEXT 2015. Neste

ISBN: 978-85-93416-00-2

município, passamos a realizar as ações, com periodicidade mensal, a partir do mês de setembro.

Nas escolas, em cada ação Lá Li Gibi atingimos em torno de 250 crianças e jovens matriculados especialmente em anos do ensino fundamental. Na EMEF Antonio Santos Coelho Neto, localizada na comunidade da Penha, trabalhamos principalmente com estudantes do ensino fundamental 1. Na EMEF Virgínius da Gama e Melo atendemos estudantes do ensino fundamental 2. Na Escola Municipais Ivan Fernandes de Lima e na Escola Municipal Nossa Senhora da Saúde, ambas localizadas em Piranhas-AL, trabalhamos com crianças e jovens do ensino fundamental 1.

Executamos o projeto ‘Lá Li Gibi’ em espaços abertos e áreas de recreação das escolas, como forma de mostrar que a prática da leitura não é exclusividade da sala de aula. Nestes lugares montamos 3 tendas, que dão um ar de informalidade ao espaço.

Em 2015, iniciamos o projeto Lá Li Gibi com um insipiente conjunto de atividades de estímulo à leitura. Propúnhamos, naquele momento, disponibilizar o acervo de gibis e obras de literatura infantil e infanto-juvenil, realizar sessões de contação de histórias e garantir um espaço em que as pessoas participantes pudessem desenhar e, quiçá, produzirem tirinhas e pequenas histórias em quadrinhos.

Entretanto, logo percebemos que o tempo proposto e a quantidade de atividades entravam em descompasso. Foi quando passamos a pesquisar materiais e outras atividades que pudessem explorar o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e interpretação de textos. Deste movimento incluímos as atividades que seguem.

Atividade I- Leitura de histórias em quadrinhos (HQs): numa tenda colocamos um tapete e dispomos aproximadamente 400 gibis, mangás e livros, em cestas e varais, para serem manuseados pelos alunos. Sempre há pessoas do grupo observando se alguém precisa de ajuda para ler. Interessa-nos demonstrar que mesmo pessoas que ainda não sabem ler podem se envolver em situações de leitura. Pode-se ler sentado, deitado, com amigos. Escolhemos os gibis pelo fato de utilizarem textos curtos e que contam com o recurso da imagem, elementos que chamam a atenção do leitor iniciante e estimulam o gosto pela leitura.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Atividade II- Contação de histórias: em outra tenda são organizadas sessões de contação de histórias que abordem temas geradores das ações. Os temas geradores sempre estão relacionados a alguma data comemorativa ou a algum aspecto que precisa ser pensado pelos alunos como direitos e deveres das crianças e adolescentes, a igualdade e a tolerância como princípios fundamentais à convivência, etc. Todas as contações de histórias são baseadas em textos que existem no acervo da Biblioteca e que são disponibilizados para leitura e manuseio. Após a contação de histórias disponibilizamos várias 'brincadeiras', baseadas na história contada. Nas contações problematiza-se o real e estimula-se a imaginação.

Atividade III- Sussurrador de textos: esta ferramenta de leitura é feita com um cano de PVC de 50 mm de largura e um metro de comprimento. Junto a eles colocamos textos que abordem o tema a ser trabalhado na ação. Numa extremidade do cano uma criança lê um texto e na outra extremidade uma criança ouve o texto sussurrado. Há textos curtos e mais longos. Fazemos isto para atender àqueles alunos que dizem 'não gostarem de ler' ou 'não saberem ler bem' e também aos alunos leitores. O sussurrador, além de ferramenta interessante de leitura, também educa a voz das crianças que falam gritando e promovem interação entre as pessoas. É sempre uma brincadeira de leitura compartilhada.

Atividade IV- Palavrices: nesta brincadeira as crianças e jovens formam palavras e textos com macarrão de letrinhas. Produzimos suportes de madeira cobertos com feltro para que os macarrões não deslizem. Sempre um membro da equipe executora propõe desafios como, por exemplo, quem escreve palavras ou frases mais rápido. Estas brincadeiras tanto acontecem individualmente como em grupos.

Atividade V- Bingo: elaboramos cartelas quadriculadas e em cada quadrícula é inserida uma letra ou pontuação. Usamos em cada cartela estrofes de cordel, artigos de leis como o Estatuto da Criança e do adolescente, a Declaração dos Direitos Humanos, o Estatuto da Igualdade Racial, poesias. Sempre obedecemos à temática desenvolvida na ação. O prêmio para quem completa primeiro o preenchimento da cartela é ler em voz alta o conteúdo da sua cartela para as demais pessoas. Parece mentira, mas todos adoram brincar no bingo.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Atividade VI- Ludo e Jogo de tabuleiro: elaboramos dois tipos de jogos de tabuleiro. Um mais simples e rápido (ludo) e outro mais longo. Nestes jogos usam-se dados que definem quantas casas cada jogador avançará. Entretanto, há obstáculos que são apresentados em cartelas que contêm perguntas sobre a contação de histórias. É uma ótima brincadeira que envolve leitura e interpretação de texto.

Atividade VII- Forca: produzimos bonecos em papelão fracionados em 8 partes (cabelo, cabeça, tronco, calça, 2 braços, 2 pernas), que vão sendo montadas num suporte, uma a uma, cada vez que um jogador erra a letra da palavra proposta. As palavras usadas na forca devem estar relacionadas ao texto da contação de histórias. O grupo executor do projeto escolhe palavras, digita-as em letras grandes e oferece para cada jogador escolher a que servirá de desafio. A forca é uma ótima brincadeira para crianças em processo de alfabetização.

Atividade VIII- Jogo da memória: este jogo é produzido de acordo com o nível de escolarização das crianças. Produzimos, sempre com palavras do texto da contação de histórias, cartelas com palavras sinônimas (para ampliar o universo vocabular do aluno), com palavras escritas em letra de forma e letra cursiva (para a criança discriminar e identificar cada letra), dentre muitas outras possibilidades. Podemos trabalhar qualquer conteúdo escolar com o jogo da memória.

Atividade IX- Área de grafitagem: utilizamos papel 40 kg e colamos seis folhas uma na outra, para que se forme um grande papel com cerca de 4 metros de comprimento. Colamos na parede, disponibilizamos canetas hidrográficas, lápis cera e lápis de cor para que os alunos desenhem, escrevam, expressem as suas vontades, inspirações, expectativas e afetos. Nesta brincadeira não separamos grafiteiros 'artistas' e 'iniciantes'. Este é o local de livre expressão de cada pessoa e funciona como elemento redutor de tensões.

Atividade X- Oficina de produção de histórias em quadrinhos (HQs): em uma tenda específica para este fim, disponibilizamos materiais necessários a esta finalidade, orientada por um discente do curso de Artes Visuais que dá dicas e informações sobre técnicas de desenho e de produção de HQs. Este é um momento em que as crianças e jovens são estimulados a criar e expressar suas experiências na forma de histórias em quadrinhos.

ISBN: 978-85-93416-00-2

No fim do ano de 2015, passamos a receber convites para realizar a ação Lá Li Gibi em locais e situações que muito contribuíram para o estreitamento dos vínculos com as comunidades a que atendíamos em João Pessoa. Quando os convites para realizar a ação Lá Li Gibi começaram a aparecer, percebemos que as pessoas começavam a olhá-lo como uma boa experiência de estímulo à leitura. É importante afirmar que muitas vezes precisamos rejeitar certos convites, que propunham o projeto como um momento festivo, uma ação pontual. Entretanto, é condição do Lá Li Gibi, a continuidade, a regularidade da ação, para que o hábito da leitura possa, de fato, ser desenvolvido.

No mês de outubro, para comemorar o dia das crianças, fomos convidados a realizar a ação na Unidade de Saúde da Família (USF) da Penha. Em novembro, ampliamos a parceria com a USF da Penha, quando fomos convidados pela Área Técnica de Saúde da População Negra, setor da Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa, a realizar o Lá Li Gibi nas comemorações do Novembro Negro nesta mesma comunidade.

Aceitamos o convite do Grupo de Jovens da Paróquia de Nossa Senhora da Penha para realizar a ação durante as festividades de 272 anos da histórica romaria da Penha, no mês de novembro.

Ainda no mês de novembro, fomos convidados a apresentar a ação Lá Li Gibi numa capacitação destinada a 140 professores do Projovem Urbano de João Pessoa, momento em que repetimos as atividades que realizamos com crianças e jovens e percebemos o mesmo envolvimento e entusiasmo dos adultos.

Por fim, fomos convidados pela gestão da PRAC/UFPB a apresentar o nosso projeto durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Durante um dia inteiro, uma grande tenda foi armada e lá recebemos, no período da manhã, 25 alunos da EMEF Virgínius da Gama e Melo. À tarde contamos com a participação de 25 crianças matriculadas numa turma de 5º ano da EMEF Antônio Santos Coelho Neto. Consideramos este um momento da maior importância, visto que pudemos levar para a universidade pessoas com quem sistematicamente nos encontrávamos em suas escolas e comunidades.

Outro marco no reconhecimento da qualidade do projeto foi a premiação nacional recebida projeto Lá Li Gibi, em concurso promovido pela Editora do Brasil (Concurso

ISBN: 978-85-93416-00-2

Jardim da Educação), que o incluiu como um dos 5 melhores e mais inspiradores projetos do Brasil.

Foi no ano de 2015 que qualificamos e ampliamos a nossa comunicação virtual, com o fortalecimento e a dinamização do *blog* vinculado à Biblioteca Popular Riacho do Navio (bpriachodonavio.blogspot.com.br). Tanto a mencionada biblioteca como o *blog*, hoje, são administrados pelo grupo executor do projeto Lá Li Gibi. Nele podem ser vistas fotografias, vídeos com entrevistas dos participantes e das principais contações de histórias realizadas durante as ações, textos acadêmicos relacionados às problemáticas abrangidas pelo projeto, há também uma pequena biblioteca virtual, exposição de desenhos, etc. Presentemente, o *blog* conta com mais de 9.000 visualizações.

3. Resultado

É da natureza de um projeto de estímulo à leitura, com as características do Lá Li Gibi, a articulação com o ensino. Não apenas porque entramos nas escolas, mas, principalmente porque o nosso propósito era fazer com que as pessoas atendidas aprendessem a gostar de ler.

É importante destacar que todas as ações do projeto aconteceram em áreas abertas de convivência e recreação. Ocupamos calçadas, refeitórios, quadras, praças. No interior das escolas ocupamos os lugares em que as pessoas descansavam das atividades próprias das salas de aula. Com isto procuramos demonstrar que processos de aprendizagem podem e devem ser instaurados em quaisquer lugares.

Ao nos distanciarmos dos procedimentos engessados e tradicionais próprios à prática pedagógica vigente nas escolas, especialmente as escolas públicas, demonstramos que para gostar de ler não era necessário, por exemplo, ser alfabetizado.

As leituras e as escritas dos desenhos produzidos, das imagens gravadas nos gibis, do compartilhamento mútuo que juntou pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas numa mesma brincadeira de ler e escrever, tudo isto aconteceu obedecendo a um critério fundante: a regularidade.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Aprender a gostar de ler, descobrir o prazer que há em ler exige que seja posto à disposição do leitor em formação um repertório de atividades que só atingem, de fato, o objetivo, se tais situações se repetirem até que a leitura seja incorporada à prática cotidiana da pessoa leitora que se forjou.

E foi isto que fizemos. Nas escolas de João Pessoa, principalmente, as crianças e jovens já sabiam quando receberiam a visita do pessoal do 'Lá Li Gibi'. Para os discentes da UFPB que participaram do projeto ficou marcada a certeza de que ensinar combina com brinquedos e brincadeiras, desde que a criatividade se pratique.

Ao lado do ensinar a gostar de ler havia a necessidade de realizar um conjunto de registros que, ao final, pudessem estar disponíveis para que fosse possível tirar conclusões a respeito da efetividade da proposição inicial. Para tanto, elaboramos um questionário que denominamos "Importância da leitura". Com ele observamos o comportamento inicial do público alvo das nossas ações. Era importante compreender se havia uma correlação entre 'gostar de ler' e 'achar que ler é importante'. Neste instrumento não só perguntamos sobre as questões levantadas acima, mas também registramos o sexo, a idade, o ano escolar que a pessoa cursava ou que havia cursado (para as pessoas que haviam deixado de estudar) e o nome de cada pessoa. A partir das informações obtidas era possível identificar quem apresentava distorção entre idade e série, quem não sabia ler, no universo de pessoas com idades a partir dos 9 anos. Além disso, de posse dessas informações, sempre que chegávamos aos lugares onde regularmente o Lá Li Gibi acontecia, procurávamos estimular as crianças e jovens com maiores dificuldades de ler.

Também elaboramos um questionário mais longo e completo que denominamos "Informação sócio-educacional". Tal ferramenta era composta por 3 módulos: 1- identificação; 2- educação ; 3- impressões sobre a execução do projeto.

No primeiro módulo, quando solicitávamos que as pessoas informassem qual era a sua cor, uma variedade de expressões era utilizada para declarar a negritude. Exemplificamos: 'queimadinho do sol', 'marrom meio clarinho', 'moreninho', 'marrom escuro', etc. Tais declarações confirmaram a necessidade de colocar em debate a questão do negro no Brasil, a sua importância histórica, o seu protagonismo e a necessidade de superar o racismo e recuperar a autoestima.

ISBN: 978-85-93416-00-2

No módulo sobre educação incluímos questões a respeito das impressões sobre biblioteca (se frequentavam, se conheciam, se a escola tinha). Procuramos com isto colocar em destaque a importância da biblioteca, ao mesmo tempo em que mostrávamos que aquela ação era produzida a partir de uma biblioteca. Isto aconteceu, principalmente, quando passamos a cadastrar os participantes das ações como usuários da Biblioteca Popular Riacho do Navio e, com isto, inauguramos o serviço de empréstimo de obras de literatura infantil e infanto-juvenil e gibis.

Tal serviço foi tão bem sucedido que a cada ação em João Pessoa cerca de 40 obras eram emprestadas. Cada usuário podia levar para casa até três obras e a devolução acontecia quinze dias após o empréstimo, quando voltávamos para realizar uma nova ação.

Para nós, cada livro ou gibi que as crianças e jovens levavam para casa tinha um poder de atingir não apenas o usuário, mas sua família, amigos e vizinhos. Devemos acrescentar que quando uma pessoa levava uma obra, a sua casa passava a ter um objeto que até então se limitava, quando muito, aos livros didáticos. Reconhecemos que proporcionar a introdução de livros nas casas implica na inauguração de nova prática promotora do hábito da leitura e ressignificadora do papel da biblioteca.

As impressões sobre o projeto (módulo 3) constituiu no momento em que o público alvo, sujeito das ações do projeto Lá Li Gibi, nos orientava sobre como deveriam ser as ações seguintes, indicava os seus interesses e, obviamente, nos dizia sobre o prazer que sentiam em brincar de ler. Muitos foram os depoimentos e avaliações dos participantes. Ouvimos, por exemplo, um garoto de 7 anos de idade dizer que o Lá Li Gibi era “melhor que festa de aniversário”.

Além dos questionários, também gravamos em vídeo depoimentos de muitas pessoas: crianças, professoras, gestoras, mães de alunos, funcionárias, etc. Tais depoimentos constituem um rico documento sobre a importância do projeto. Além disso, certamente deverá nortear as nossas ações durante o ano de 2016 e serviu de fonte de informação para as investigações em curso.

Também deve ser considerado o aspecto interdisciplinar intrínseco ao projeto Lá Li Gibi. Não apenas com a intenção de demonstrar a articulação entre categorias teóricas cujas afinidades não se expressam imediatamente, mas também para demonstrar que para

ISBN: 978-85-93416-00-2

ser entendido e adequadamente executado, foi necessária a concorrência de saberes pertinentes a várias áreas de conhecimento, o que tornou possível e necessária a participação de pessoas de vários cursos de graduação.

Para tanto, partimos da consideração de que a leitura é, desde o período iluminista, ferramenta indispensável para ampliar a compreensão do mundo e base de processos comunicativos que vão além da mera oralidade.

Quando iniciamos o processo de formulação e desenvolvimento do projeto Lá Li Gibi acreditávamos que ele se destinava a pessoas que cursassem Letras e Pedagogia. Logo percebemos que os saberes fornecidos no curso de Biblioteconomia nos eram indispensáveis. Também percebemos que o processo de produção de histórias em quadrinhos e de grafite exigiam um conjunto de técnicas e conhecimentos pertinentes à área das Artes Visuais. Inauguramos o blog, percebemos a necessidade de registrar imagens das nossas ações em fotos e vídeo, além de divulgá-las. Daí nos aproximamos dos cursos de Mídias Digitais e Jornalismo.

Hoje, entendemos que uma ação extensionista de estímulo à leitura se torna mais rica quando muitos saberes e interesses se somam num objetivo comum: demonstrar que ler é bom e necessário. Esta é a perspectiva interdisciplinar intrínseca ao processo de formação de pessoas leitoras.

A leitura da palavra, privilegiada auxiliar da leitura do mundo, não exige um conteúdo específico. O conteúdo é o mundo, o conhecimento acumulado, o diálogo com a imaginação de outrem, que estimula a capacidade de construir cenários e emoções onde o protagonista é o leitor. Hoje sabemos que o critério para participar deste projeto é a compreensão da importância do ato de ler, com vista à inauguração de processos civilizatórios que tenham a emancipação como objetivo.

4. Conclusões

Reconhecemos os ganhos auferidos às pessoas que participaram do grupo executor do projeto Lá Li Gibi, marcadamente a aprendizagem de aspectos relevantes sobre processo de letramento (e neste o imprescindível papel das histórias em quadrinhos), bem como um aprofundamento dos conhecimentos referentes aos processos históricos, sociais e

ISBN: 978-85-93416-00-2

ideológicos que configuram o problema da questão racial no Brasil. Também conseguimos incorporar um sentido diverso ao que é propagado tradicionalmente acerca do papel da biblioteca.

Com a experiência que acumulamos, não temos dúvidas sobre a eficiência e a eficácia da proposta pedagógica e sua correspondente prática, acerca da nossa proposição para formação de pessoas leitoras.

Não esqueçamos, entretanto, que o sucesso do projeto se deve: 1- ao fato de que dos 18 discentes participantes, apenas 3 não foram bolsistas. Visto que este projeto também foi aprovado nos editais PROEXT e PROLICEN; 2- à disponibilidade de tempo extra para realizar estudos, planejar ações e ampliar a quantidade de pessoas atendidas; 3- ao ineditismo da proposição, que surtiu um efeito motivador para que realizássemos o nosso trabalho com competência e compromisso.

5. Referências

1. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE. **7 a 12**: vamos conhecer o Brasil – nosso povo – educação. Disponível em: http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/educacao.html. Acesso em: 15 mar. 2016.

2. ______. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE. **Censo demográfico 2010**. Brasília: 2011. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/resultados_gerais_amostra.pdf. Acesso em: 12 ago. 2016.

3. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

4. HILA, Cláudia Valéria Doná. Ressignificando a aula de leitura a partir dos gêneros textuais. In: NASCIMENTO, E.L. (Org.). **Gêneros textuais**: da didática das línguas aos objetos de ensino. 1.ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2009, p.151-194. Disponível em: http://www.escrita.uem.br/adm/arquivos/artigos/publicacoes/leitura_e_ensino/Claudia_Ressignificando_a_aula_de_leitura__livro_SIGET09%5B1%5D.pdf. Acesso em: 1 mar. 2014.

ISBN: 978-85-93416-00-2

5. LOVETRO, José Alberto. **Quadrinhos** – a linguagem completa. Comunicação e Educação. São Paulo, jan./abr.1995. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36141/38861. Acesso em: 26 fev.2015.

6. PANSA, Karine. Prefácio. **Pesquisa retratos da leitura no Brasil**. 3.ed. 2012. Disponível em: http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf . Acesso em: 27 fev. 2016.

7. SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Dados das bibliotecas públicas no Brasil**. Disponível em: http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/. Acesso em: 23 jan. 2016.

8. TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Estatística do eleitorado por sexo e grau de instrução**. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-grau-de-instrucao. Acesso em: 9 jan. 2016.

9. UOL. **Políticas de igualdade racial fracassaram no Brasil, afirma ONU**. Genebra. 14 mar. 2016. Disponível em: http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/03/14/politicas-de-igualdade-racial-fracassaram-no-brasil-afirma-onu.htm. Acesso em: 15 mar. 2016.

10. WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência**: mortes matadas por arma de fogo. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf. Acesso em: 17 nov. 2015.

ISBN: 978-85-93416-00-2